

IPSIS VERBIS



“ CINCO ANOS APÓS O 11 DE SETEMBRO

> “Se olharmos com cuidado para as tendências desde o 11 de Setembro, o que é notável é constatarmos como o mundo mudou tão pouco. As forças da globalização desenvolveram-se sem oposição; na verdade, parecem até ter conhecido uma aceleração.”

William J. Dobson, editor da *Foreign Policy*, Setembro.

> “Desde há muito tempo na Europa e recentemente nos Estados Unidos, muitos afirmam: as respostas dadas ao terrorismo serão mais perigosas que o próprio terrorismo. A queda de Saddam desencadeou a guerra civil no Iraque, o bombardeamento do Hezbollah apenas reforçou o regime iraniano.”

Editorial do *Le Figaro*, 11 de Setembro

> “Esta luta pode ser chamada de choque das civilizações. Na verdade, é uma luta pela civilização. Nós lutamos para manter o modo de vida apreciado pelas nações livres. E lutamos para que as pessoas boas e decentes, por todo o Médio Oriente, possam construir sociedades baseadas na liberdade, tolerância e dignidade pessoal.”

George W. Bush, 11 de Setembro

> “É um paradoxo: durante a Guerra Fria a nossa política visava unir os nossos amigos e dividir os nossos inimigos. Infelizmente, hoje, as nossas tácticas actuais, incluindo a ocasional linguagem islamofóbica, têm tendência para unir os nossos inimigos e alienar os nossos amigos.”

Zbigniew Brzezinski, 12 de Setembro

> “Bush fez um bom trabalho na captura ou morte dos ‘malfeitores’, mas não se preocupou muito em encontrar as causas para as suas acções.”

Max Boot, 13 de Setembro

“ BENTO XVI E A FÚRIA ISLAMITA

> “Exortamo-vos a perseguirem o Papa pelas declarações bárbaras, como perseguiram Salman Rushdie, inimigo de Alá que ofendeu a nossa religião.”

Xeque Abubukar Malin, líder religioso somali reagindo ao discurso “Fé, Razão e Universidade” proferido por Bento XVI na Universidade de Regensburg, 16 de Setembro

> “Aqui está o problema: precisamos de três semanas para fazer um terrorista, trinta anos para fazer um intelectual crítico. [...] Enquanto não se formarem espíritos críticos capazes de interpretar o texto, de dialogar com o outro, continuaremos sempre à procura de um Islão de paz perdido, de um Islão do Iluminismo.”

Malek Chebel, sociólogo argelino, 16 de Setembro

> “A Conferência de Ratisbona reafirmou a essência do cristianismo. Se o islão se ofendeu, pior para ele.”

Vasco Pulido Valente, 17 de Setembro

> “O Papa Bento XVI proferiu o seu controverso discurso na Alemanha no dia seguinte ao quinto aniversário do 11 de Setembro. É difícil acreditar que a sua referência a uma corrente violenta no Islão tenha sido completamente acidental”.

Karen Armstrong, especialista em temas religiosos, Guardian, 18 de Setembro

> “Bento XVI não é João Paulo II. Mas não poderia ignorar o destino mais do que provável das suas palavras, fosse qual fosse o contexto em que as pronunciou. É, pois, legítimo, perguntar se este Papa quer redefinir os termos do diálogo com o Islão estabelecidos pelo seu antecessor.”

Teresa de Sousa, 19 de Setembro

> “As dificuldades com que o Papa Bento XVI se deparou, depois de ter explorado os pensamentos de Manuel II, paleólogo, num seminário de teologia na Universidade de Regensburg, sublinha o quão difícil é voltar a pôr os comentários no contexto quando já estão deturpados.”

Michael Gove, deputado conservador britânico, Times, 20 de Setembro

> “O Vaticano não quer petróleo. A hegemonia já está fora do seu vocabulário há muito tempo. O único interesse do Vaticano é o *modus vivendi*, uma realidade global que o Islão deve eventualmente conhecer. Os governos do Egipto, do Iraque e da Arábia Saudita devem abrir o diálogo que Bento XVI procura.”

Daniel Henninger, editor político do Wall Street Journal, 22 de Setembro

> “A sua [de Bento XVI] preocupação de sempre tem sido a de mostrar a originalidade do cristianismo e, dentro deste, do catolicismo. Louvado seja! Mas, para isso, não é lícito desfigurar os outros percursos religiosos. Na Universidade de Ratisbona, o prof. Ratzinger talvez não tenha sido suficientemente autocrítico para vencer essa tentação.”

Frei Bento Domingos, 24 de Setembro

> “A Igreja olha com estima os muçulmanos que adoram o Deus único, vivo e subsistente, misericordioso e onnipotente, criador do céu e da terra, que falou aos homens e a cujos decretos, mesmo ocultos, procuram submeter-se de todo o coração, como a Deus se submeteu Abraão, que a fé islâmica de bom grado evoca.”

Bento XVI, num encontro com líderes religiosos muçulmanos e diplomatas de países de maioria islâmica em Castelgandolfo, 25 de Setembro

> “O Santo Padre afirmou o seu profundo respeito pelo Islão. Era isto que esperávamos. Agora é altura de deixar para trás o que aconteceu e construir pontes.”

Albert Yelda, embaixador do Iraque na Santa Sé, 25 de Setembro

> “É uma nova tentativa do Papa evitar pedir desculpas. Quando pedimos ao Papa que pedisse desculpa, desejávamos que fossem desculpas claras e honestas.”

Mohammad Habib, membro da Irmandade Muçulmana, 25 de Setembro

“ ELEIÇÕES NO BRASIL

> “Não será o PT o único partido a ter companheiros que cometeram erros. Numa mesa de 12, um traiu Jesus e, na mesa dos inconfidentes, um traiu Tiradentes.”

Luiz Inácio ‘Lula’ da Silva, num comício em Sorocaba, 24 de Setembro

> “Dia Primeiro de Outubro é dia da onça beber água. Essa oncinha está com sede.”

Ibidem

> “Ele não cai porque o Lula não é o Lula. O Lula é uma parte do povo deste país, que adquiriu confiança política. Eu não caio porque eu não sou sozinho.”

Luiz Inácio ‘Lula’ da Silva, num comício em Belo Horizonte, 25 de Setembro

> “A maioria do povo brasileiro mostrou que apoia o governo do Presidente Lula. Ele só não venceu no primeiro turno porque isso era bom para o Brasil e nós gostamos de nos encontrar com o povo brasileiro.”

Tarso Genro, ministro das Relações Institucionais, 2 de Outubro

> “A sensação acumulada durante o último ano e meio de que tudo valia no Brasil enquanto não se provasse uma ligação directa do favorito Lula com a corrupção dissipou-se bruscamente neste domingo. As urnas reflectiram uma visão mais exigente da ética política.”

Editorial do *El País*, comentando os resultados da primeira volta, 3 de Outubro

> “Os mercados financeiros festejaram o facto de o Presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva não ter conseguido a maioria dos votos na eleição de domingo, e o Departamento de Estado americano pronunciou-se positivamente ao efeito demonstrado pelos resultados: ‘o reforço da democracia no hemisfério’.”

Editorial do L. A. Times, 3 de Outubro

> “Sempre achei que o Lula era mais um símbolo do que um líder, mas nunca imaginei que a falta de liderança chegasse ao ponto de matar o simbolismo.”

Fernando Henrique Cardoso, 16 de Outubro

> “A reeleição de Lula é uma boa notícia para Washington: George W. Bush – odiado na América Latina mais do que qualquer outro líder – considera Lula como um parceiro de confiança para as negociações. As relações entre Brasília e Washington estão melhor do que nunca.”

Jens Glüsing, colunista do Der Spiegel, 30 de Outubro

> “O problema, para a oposição, é que Lula permanece um mito – o do operário que se tornou presidente –, e é difícil lutar contra um mito, quando se fala de corrupção. Mas Lula é cada vez mais um homem sozinho.”

Alfredo Valladão, político brasileiro, 31 de Outubro

“TESTE NUCLEAR COREANO

> “Aqui fica um cenário que dá que pensar. A Coreia do Norte testa uma arma nuclear, o Japão, a Coreia do Sul e Taiwan começam a pensar que também precisam de uma. Entretanto, no Médio Oriente, os vizinhos do Irão começam a perguntar-se por que é que têm que esperar por Teerão antes de começarem os seus próprios programas.”

Editorial do New York Times, 6 de Outubro

> “O teste nuclear é um acontecimento histórico que traz felicidade ao nosso Exército e população.”

Do comunicado da agência oficial coreana, KCNA, 9 de Outubro

> “Kim Jong-il, o ditador meio louco, de cabelo avolumado e sapatos de salto alto, mudou o nosso mundo para sempre. O teste nuclear norte-coreano é o tipo de ruptura que o mundo nunca tinha visto. É a primeira vez que um *rogue state* se torna declarada e comprovadamente um Estado de armas nucleares.”

Greg Sheridan, editor de política internacional do The Australian, 10 de Outubro

> “Dissuasão é o que se faz quando não há outra forma de desarmar o inimigo. Não se consegue privá-lo das suas armas, mas consegue-se fazer com que ele não as utilize. Há muito tempo que se atingiu este patamar com a Coreia do Norte.”

Charles Krauthammer, 13 de Outubro

> “Kim é um realista cínico e não trocará as suas capacidades nucleares por actos inúteis de respeito diplomático ou por aquilo que ele desdenhosamente veja como meros pedaços de papel. [...] Kim é também um estratega astuto e racional com um objectivo primordial: assegurar a sua própria sobrevivência mantendo o domínio absoluto do poder.”

Aaron L. Friedberg, antigo conselheiro de Dick Cheney, 16 de Outubro

> “Os esforços internacionais de pressão à Coreia do Norte para que suspenda o seu programa de armas nucleares pode aumentar as hipóteses de tornar realidade um dos piores pesadelos para a América – a venda de armas nucleares e tecnologia pela Coreia do Norte ao Irão, grupos terroristas e outras nações.”

Bruce Bennett, analista da RAND, 17 de Outubro

> “O principal governo afectado pela explosão nuclear da Coreia do Norte é claramente o Governo dos Estados Unidos. Washington afirmou que iria impedir que isso acontecesse. A Administração Clinton negociou com um opaco Pyongyang, [...] a Administração Bush rejeitou as negociações, insultou Kim Jong-il e fez ameaças inúteis.”

William Pfaff, 19 de Outubro

“ELEIÇÕES INTERCALARES NOS ESTADOS UNIDOS

> “Também quero que as nossas tropas regressem a casa, mas quero que voltem com a vitória.”

George W. Bush, 8 de Novembro

> “Os democratas ganharam mais por demérito alheio do que por virtudes próprias, pois falaram a muitas e diferentes vozes e só se uniram em torno de um objectivo: castigar Bush.”

José Manuel Fernandes, 9 de Novembro

> “O controlo democrata da Câmara dos Representantes e do Senado significa o início do fim da Administração Bush e da sua política externa de tipo unilateral e polarizador – exemplificado pela saída de Donald Rumsfeld do Pentágono. Mais do que isso, marca o fim do início de uma longa luta por uma coisa que ainda não tem um nome geralmente aceite.”

Timothy Garton Ash, 9 de Novembro

> “O pesadelo começa hoje para o Presidente George W. Bush e para aqueles que estiveram acorrentados às suas decisões com mais zelo do que bom-senso.”

Ambrose Evans-Pritchard, antigo correspondente em Washington do Daily Telegraph, 9 de Novembro

> “Agora que têm que dividir o poder, os democratas também irão dividir a responsabilidade das consequências da guerra. [...] Um mandato para uma retirada rápida poderá, se mal feita, pôr em risco todas as hipóteses que ainda temos no Iraque e ser um fiasco político para os democratas.”

Michael O'Hanlon, politólogo americano, 9 de Novembro

> “A retirada do desastroso Sr. Rumsfeld acontece com, pelo menos, três anos de atraso. Mas isso mostra que o Sr. Bush foi finalmente forçado a encarar a realidade do desastre do Iraque do qual o seu secretário da Defesa assume grande parte da responsabilidade.”

Editorial do *Guardian*, 9 de Novembro

> “Rumsfeld permanece como um dos mais incompetentes secretários de Estado da Defesa da história (comparado com ele, McNamara parece bom). Mas é também um criminoso de guerra: um torturador que violou as leis do seu país.”

Andrew Sullivan, 9 de Novembro

Citações recolhidas por Carmen Fonseca e Pedro Aires Oliveira

FONTES:

The Australian, Daily Star, Daily Telegraph, Le Figaro, Folha de São Paulo, Foreign Policy, Globo, Guardian, International Herald Tribune, The Korea Herald, LA Times, Le Monde, New York Times, Público, Der Spiegel, The Times, Wall Street Journal, Washington Post, Washington Times.